



53ª edição

Mirna Pinsky
Nó na garganta

Ilustrações: Andréa Ramos



Atual
Editora





53ª edição

Mirna Pinsky

Nó na garganta

Ilustrações: Andréa Ramos

Conforme a nova ortografia



 **Atual**
Editora

Série Entre Linhas

Editor • Henrique Félix

Assistente editorial • Jacqueline F. de Barros

Preparação de texto • Lúcia Leal Ferreira

Revisão de texto • Pedro Cunha Júnior (coord.)/ Célia Regina do N. Camargo

Renato A. Colombo Jr./ Edilene Martins dos Santos

Gerente de arte • Nair de Medeiros Barbosa

Coordenação de arte • Marco Aurélio Sismotto

Diagramação • MZolezi

Projeto gráfico de capa e miolo • Homem de Melo & Troia Design

Produção gráfica • Rogério Strelciuc

Impressão e acabamento •

Suplemento de leitura e Projeto de trabalho interdisciplinar • Maria Aparecida S. Pereira

Consultoria editorial • Vivina de Assis Viana

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Pinsky, Mirna

Nó na garganta / Mirna Pinsky ; ilustrações
Andréa Ramos. – 53. ed. – São Paulo : Atual, 2009 –
(Entre Linhas: Cotidiano)

Inclui roteiro de leitura.

ISBN 978-85-357-1010-6

1. Literatura infantojuvenil I. Ramos, Andréa.
II. Título. III. Série.

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infantil 028.5

2. Literatura infantojuvenil 028.5

12ª tiragem, 2017

Copyright © Mirna Pinsky, 1979.

SARAIVA Educação S.A.

Avenida das Nações Unidas, 7221 – Pinheiros

CEP 05425-902 – São Paulo – SP – Tel.: (0xx11) 4003-3061

www.editorasaraiva.com.br

atendimento@aticascipione.com.br

Todos os direitos reservados.

CL: 810336

CAE: 575977

Sumário

A viagem	5
O despertar	11
A escola	13
A ameaça	17
O boi	19
A gaiola	21
Na praia	23
O banho	29
O almoço	32
O arrastão	35
O esconderijo	38
O espião	44
A bronca	46
O encontro	51
A cabana	56
A cisma	58
Na mata	60
O presente	68
A festa	73
A autora	84
Entrevista	86

A viagem



Parecia que não iam chegar nunca. Já estava com a bunda doída de tanto ficar sentada naquele carro que sacolejava feito liquidificador. Não podia se estender melhor porque, de um lado, estava a mãe, com aquela cara meio brava que ela tinha para impor respeito, e, de outro, o pacote de biscoitos que dona Esmeralda havia dado para a viagem. Primeiro, brincou de contar os bois que via através da janela. Gozado que ficavam todos juntos, virados pro mesmo lado, como se tivessem ouvido um barulho estranho e ficassem curiosos pra saber o que é que vinha. Depois contou as casas de cupim – pequenos montinhos de terra que se espalhavam pelas margens da estrada e se perdiam de vista. Aí encheu. Deu vontade de dormir. Encostou a cabeça no banco e ouviu a mãe dizer:

– Tânia, não dorme não, que agora a gente desce pra fazer xixi.

Desceram num posto que tinha restaurante no fundo. Enquanto seu Joaquim, o motorista, punha gasolina no Volks, Tânia entrava com os pais no restaurante. De um lado, um

enorme balcão de queijos, com uma cara tão gostosa que só de olhar Tânia sentiu o gosto deles, principalmente do branco, que parecia derreter dentro da fôrma. Sabia que a chance de comer daquele queijo era remota.

– Tânia, vem arrumar a maria-chiquinha no banheiro. Lá tem espelho.

Mania que a mãe tinha de puxar e puxar o cabelo, depois enfiar dois elásticos e botar um laço vermelho por cima. Se ela tinha cabelo “ruim”, como a mãe dizia, melhor era deixar solto feito a moça na televisão.

No banheiro sujo, Tânia vê a mãe arrumando o cabelo em frente ao espelho. Também a mãe ficaria mais bonita se não insistisse em ficar alisando o cabelo para trás.

Encostado no balcão, seu Joaquim conversa com a moça dos queijos. Seu Joaquim é motorista de dona Matilde, agora também patroa dos pais de Tânia. Ele vai levando a família para o litoral, onde o casal cuidará da casa de veraneio de dona Matilde. Tânia retoma o namoro ao seu lado. Não está nem lembrando quanto tempo faz que comeu um queijo macio feito aquele. Assinzinho, bem assim, não comeu nunca. Joaquim se comove:

– Dê um pedaço pra menina – diz pra moça do balcão. – Põe na minha conta.

A aguinha do queijo escorre boca abaixo. O queijo branco é melhor ainda do que Tânia tinha imaginado.

Pronto, de volta ao carro, outra dose de estrada. Agora começam as curvas e dá aquele mal-estar no estômago. Procura se ajeitar, mas é o ouvido que entope e seu Joaquim aconselha: engole saliva, engole, assim destapa. Mas não destapa nada. Seu Joaquim encontra uma bala de mel no bolso e estende pra ela. Devidamente desentupida, Tânia se prepara para o grande momento que os pais e seu Joaquim estão anunciando desde São Paulo: o mar!

É numa curva que, de repente, ele aparece. Tem uma cidade lá embaixo que termina numa espécie de grande lago. Lago, Tânia já tinha visto, mas mar, só na televisão da dona Sônia. Não sabia que mar tinha cara de lago. Fica decepcionada:

– Ué, o mar é só isso?

– Só isso o quê? – responde o pai, que há mais de onze anos não descia até o litoral. A última vez fora antes de a filha nascer. Ele e dona Cida, recém-chegados da Bahia, tinham pegado um ônibus na Rodoviária e descido a serra até Santos para tomar um banho de mar. Seu José sempre se emociona quando fala do mar. Ele nasceu na praia e viveu da pesca até os quinze anos. Mesmo de longe assim, o mar emociona, faz lembrar coisas, a meninice, os pais, mortos há tanto tempo, a casinha em frente ao mar, a pesca fácil. Um tipo de vida que ficou enterrado no tempo, junto com a casinha que foi comprada por um moço da cidade, junto com a rede e a vara que perderam a serventia quando uma grande companhia de pesca se instalou na região.

– Tânia, você vai ver quando chegar perto. Não tem coisa melhor que a água do mar molhando a pele da gente, deixando o cheiro de sal no corpo.

Tânia nunca ouvira o pai falar tanto, nem tão animado. Tem do pai uma imagem de pessoa triste e quieta. Sempre saindo de manhãzinha, antes de ela se levantar, e voltando depois de ser mandada pra cama. Entrando curvado, sujo, com cheiro forte e uma magreza que ela não viu igual. Não fala, se joga numa cadeira e espera a mulher colocar um prato com qualquer grude na sua frente. É assim que Tânia vê o pai.

Descem a serra em marcha reduzida. O dia está lindo. Caraguatatuba brilha ao sol. Quando passam pela cidade, Tânia quer chegar até a areia, mas a praia fica a uns quinhentos metros da estrada, e a viagem ainda tem chão. Contornam montanhas e o mar volta a aparecer. Agora tem muita árvore e

muita casa ao lado da praia, e a beleza do cenário ecoa dentro de seu José. É claro que desta vez vai dar certo. Seu José até já se esqueceu do barraco de tábua cheio de goteiras e com cheiro de mofo na marginal do rio Pinheiros, onde viveram os últimos três anos. Apagou da sua cabeça a lembrança das dez horas de trabalho como pedreiro e as outras duas pendurado num ônibus apinhado. O mar é um descanso. É certo que ele não vai passar os dias na praia, pescando seus badejos, suas garoupas, seus bagres. Mas o mar estará por perto. E isso é que importa.

Atravessam São Sebastião e seguem em direção a Bertioga. O carro parece que está cansado, sacoleja mais. O sol está se pondo na água e dona Cida pensa, com uma pontada de medo, que vai chegar à noite numa casa estranha, uma casa que não é bem dela, num lugarejo onde não conhece ninguém nem sabe como é. Pensa que talvez deversem ter ficado em São Paulo mesmo. Afinal, lá tinham amigos, já conhecia as manias das patroas que lhe confiavam as trouxas de roupa para lavar. Já tinha se acostumado com a miséria do bairro onde moravam. Morar na casa da patroa, cuidar das coisas dos outros, será que ia dar certo?

– Mãe, eu não tou vendo o Genival.

Tânia tira a mãe da cisma:

– Que Genival?

– O Genival, meu cavalinho de pau! Onde é que tá? Você não trouxe?

– E eu ia trazer uma tranqueira daquelas? Mal couberam as panelas e a mala da gente! – Cida está irritada porque a menina atrapalhou seus pensamentos antes que ela respondesse às perguntas que fizera a si própria: daria ou não daria certo?

– Mas eu quero o meu cavalinho! – e Tânia abre um berreiro.

– Cala a boca, menina! Não vê que você atrapalha o seu Joaquim? – diz dona Cida quase gritando.

– Aposto que você deu o Genival pra chata da Valéria!